COLÉGIO & FACULDADE

REVISTA
Coram Deo

TEOLOGIA • EDUCAÇÃO • COSMOVISÃO CRISTÃ

GLOBALISMO E EDUCAÇÃO CRISTÃ- UM CONFRONTO DE COSMOVISÕES

Ana Letícia Gonçalves Fagundes Marinho
Anderson Lucas Gonçalves dos Santos
Caroline Almeida Farias Alexandrino
Katiana Silva de Carvalho
Katylli Barros dos Santos Charamba
Priscila Barros Ferreira dos Santos

VOLUME 1 • NÚMERO 1 • 2026

CORAM DEO

GLOBALISMO E EDUCAÇÃO CRISTÃ:

UM CONFRONTO DE COSMOVISÕES

Ana Letícia Gonçalves Fagundes Marinho; Anderson Lucas Gonçalves dos Santos; Caroline Almeida Farias Alexandrino; Katiana Silva de Carvalho; Katylli Barros dos Santos Charamba; Priscila Barros Ferreira dos Santos[1] Professor Orientador: Prof. Dr. Jean-Marie Lambert*[2]*

RESUMO:

O presente trabalho analisa o confronto entre o paradigma educacional globalista e a cosmovisão cristã, demonstrando que a educação nunca é neutra, mas sempre orientada por pressupostos ontológicos, epistemológicos e axiológicos. A pesquisa parte da constatação de que organismos internacionais, como a ONU e a UNESCO, têm promovido uma agenda de cidadania global que influencia diretamente as políticas educacionais brasileiras, especialmente por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Argumenta-se que tal modelo educacional se fundamenta em pressupostos antropocêntricos, relativistas e construtivistas, os quais entram em choque com os fundamentos da fé cristã. Em contraste, a educação cristã é apresentada como discipulado integral, centrado na soberania de Deus, na autoridade das Escrituras e na formação do ser humano à luz da criação, queda e redenção. A partir da tradição

---

[1] ***Ana Letícia Gonçalves Fagundes Marinho.** Jornalista pela Universidade Federal do Maranhão. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Coram Deo. **Anderson Lucas Gonçalves dos Santos.** Formado em Teologia, com certificação validada pela Faculdade Coram Deo. Graduando em Pedagogia e pós-graduando em Educação pela mesma instituição. **Caroline Almeida Farias Alexandrino.** Farmacêutica e mestre em Tecnologia e Saúde pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Coram Deo. **Katiana Silva de Carvalho.** Administradora pela Faculdade Latino Americano de Educação (FLATED). Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Coram Deo. **Katylli Barros dos Santos Charamba.** Enfermeira pela Universidade Federal de Pernambuco. *Medical Assistant* pela Metro Medical Training Center, Marietta, GA – EUA. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Coram Deo. **Priscila Barros Ferreira dos Santos.** Graduada em Direito pela Universidade Católica de Brasília. Pós-graduada em Segurança Pública pela Faculdade Unyleya. Mestrado (incompleto) em Criminologia pela Universidade Fernando Pessoa, em Portugal. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Coram Deo.

[2] Possui graduação em Direito pela Universidade Católica de Goiás (1980), mestrado em Direito Internacional – Universite Libre de Bruxelles (1983), doutorado em Ciências Políticas – Université de Liège (2005) com pós-doutorado em Ciência da Religião na PUC-GO. Atualmente é professor emérito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiânia e professor titular do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Internacional, atuando principalmente nos seguintes temas: direito internacional, direito econômico, África, integração regional, reforma agrária e globalização.

histórica da Igreja e dos fundamentos bíblicos, o estudo propõe caminhos de reconstrução que envolvem o fortalecimento da educação no lar, a consolidação de escolas confessionais, o discipulado e o engajamento na esfera pública. Conclui-se que o debate educacional é, essencialmente, um embate de cosmovisões, cuja implicação ultrapassa o campo pedagógico e alcança dimensões culturais, espirituais e civilizacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cosmovisão Cristã; Globalismo; Formação Integral; Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

ABSTRACT:

This study confronts the globalist educational paradigm and the Christian worldview, demonstrating that education is never neutral but always guided by ontological, epistemological, and axiological assumptions. The research begins by observing that international organizations, such as the United Nations (UN) and UNESCO, have promoted a global citizenship agenda that directly influences Brazilian educational policies, particularly through the National Common Core Curriculum (BNCC). It argues that this educational model is grounded in anthropocentric, relativistic, and constructivist assumptions, which conflict with the foundations of the Christian faith. In contrast, Christian education is presented as integral discipleship, centered on the sovereignty of God, the authority of Scripture, and the formation of the human being in light of creation, fall, and redemption. Drawing on the historical tradition of the Church and biblical foundations, the study proposes paths for reconstruction that include strengthening home education, consolidating confessional schools, promoting ecclesiastical discipleship, and engaging responsibly in the public sphere. It concludes that the educational debate is essentially a clash of worldviews, whose implications extend beyond the pedagogical field to encompass cultural, spiritual, and civilizational dimensions.

KEYWORDS: Education; Christian Worldview; Globalism; Holistic Formation; National Common Curricular Base (BNCC).

1. INTRODUÇÃO:

Nas últimas décadas, a educação tem sido fortemente influenciada por organismos internacionais como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a ONU (Organização das Nações Unidas) e o Fórum Econômico Mundial, que defendem um modelo de formação voltado para a cidadania global, a desconstrução de valores tradicionais e a uniformização cultural. Esse processo é parte de um projeto maior, conhecido como globalismo, cujo objetivo é consolidar uma mentalidade mundial unificada em torno de princípios seculares, relativistas e progressistas. Trata-se, em essência, de desconstruir o homem antigo para criar um novo, no qual a fé em Deus é substituída pela religião do Estado, remontando à velha rebelião de Babel, que exclui o Divino de sua formação social. Embora Deus lhes tenha confundido a linguagem, e o projeto tenha sido frustrado, tal espírito nunca deixou de existir no coração do homem caído.

Esse movimento entra em choque direto com a educação cristã, fundamentada nas Escrituras, que entende a formação humana como discipulado integral, no qual a fé, a moral e a cosmovisão bíblica são indissociáveis do processo educativo. Em um mundo cada vez mais marcado pelo secularismo e pela engenharia social, torna-se urgente refletir sobre como os cristãos devem responder ao desafio da educação globalista, institucionalizada por meio da legislação e incorporada ao sistema educacional brasileiro via MEC.

A educação que antes era papel dos pais agora passa a ser uma obrigação do Estado e, obviamente, ela não é neutra; seus objetivos são claros: capturar mentes e corações. Sendo assim, o professor é hoje um doutrinador, um agente que se apropria do aparato educacional para promover uma agenda política e substituir a família em seu papel bíblico de educar (LAMBERT, 2024).

Sim, aquela "tia" ensinando o "ABC e os números" faz parte de um estereótipo que foi sepultado no passado, pois, no presente, a educação é a última coisa em que se pensa; a escola tornou-se um laboratório de engenharia social, onde grupos vinculados à agenda de gênero e agentes do Estado cuidam de transmitir seus valores pérfidos àqueles a quem Jesus disse que pertence o Reino dos Céus.

2. GLOBALISMO: ORIGEM, CONCEITO E OBJETIVOS.

O globalismo, porém, tem sua gênese muito antes de ser "institucionalizado". Já no século XVII, com o advento do Iluminismo, pensadores como Kant e Hegel esboçavam um sistema cosmopolita de redenção universal cuja origem é o Estado, não Cristo.

O modelo prussiano concebeu a centralização estatal que, no século XX, seria institucionalizada por meio de organismos internacionais: "a ideia de uma estrutura de ensino sob controle estatal, materializada por decreto imperial na Prússia, conheceria uma extraordinária fortuna por [...] um grupo de educadores americanos no fim do século XIX" (GATTO, 2017 apud LAMBERT, 2024, p. 19).

Com a Revolução Industrial, no século XIX, emergem outras correntes, como o internacionalismo fomentado por Karl Marx, Engels e demais pensadores dessa linhagem filosófica, o que culminou na criação da Associação Internacional dos Trabalhadores[1]. Nesse ponto, vislumbra-se a possibilidade de relativizar fronteiras nacionais em nome de causas globais ou de um suposto "bem" maior — o que, evidentemente, exige controle integral do governo e da educação.

Foi, contudo, após as duas guerras mundiais que se iniciou a edificação de estruturas globais, tais como a Liga das Nações (1919), instituída ao término da Primeira Guerra Mundial, e a Organização das Nações Unidas (ONU, 1945), criada após a Segunda Guerra Mundial com o propósito declarado de manter a paz e fomentar a cooperação internacional. Paralelamente, surgiram o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC), por meio da Conferência de Bretton Woods.

O discurso hegemônico passou a ser o da paz, visando não apenas evitar novos conflitos, mas também consolidar o poder dos vencedores. A UNESCO, braço da ONU para a educação e a cultura, tornou-se instrumento essencial na construção de um novo imperialismo que passa a se sobrepor ao Estado (LAMBERT, 2024), disseminando uma agenda orientada a fabricar o cidadão global, relativizar fé e moral, redefinir o conceito tradicional de família e os papéis de cada membro nessa estrutura, além de promover ideologias como o feminismo, a ideologia de gênero e o ambientalismo enquanto deidade — uma adoração à "mãe natureza". Em outras palavras, trata-se de clonar mentes, conquistar corações e dominar almas.

Ora, se a Escritura nos ordena amar o Senhor de todo o coração, alma, mente e força (Lucas 10:27), torna-se evidente que esse sistema se configura como aquilo que a Bíblia identifica como o espírito do anticristo.

3. EDUCAÇÃO GLOBALISTA

Como já abordado, um dos principais vetores dessa transformação global é a educação homogênea. Nesse sentido, faz-se necessário compreender de que modo a UNESCO e a BNCC se articulam na implementação dessa proposta educacional no Brasil, cujo propósito é promover a secularização, o relativismo moral e a descentralização de Deus — levando o homem a prescindir do transcendente, a centrar-se em si mesmo e a reinterpretar a história sob a ótica do viés progressista.

3.1. A UNESCO e a educação mundial

Criada após a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO assumiu o papel de coordenar padrões educacionais em escala global. Julian Huxley, seu primeiro diretor — socialista darwinista, diga-se de passagem — deixou claro que, para que os objetivos da organização se concretizassem, seria necessária uma nova religião, uma que fosse universal.

Para cumprir sua missão, a UNESCO "[...] precisa de uma filosofia de trabalho [...] e sua finalidade [deve descartar as religiões do mundo] porque competem umas com as outras [quer seja] o islã, catolicismo, protestantismo, budismo, unitarismo, judaísmo, hinduísmo [...] Só haverá [paz] quando todas as nações aceitarmos o Humanismo Científico Socialista [...]" (HUXLEY, 1946 apud LAMBERT, 2024, p. 93).

Segundo Jean-Marie Lambert, todas as demais religiões citadas não passam de uma estratégia para ocultar o verdadeiro rival da instituição: o cristianismo. Este, por sua vez, também é um sistema de crenças que molda comportamento e cultura, possui concepções claras sobre Deus, o homem e o universo, além de uma forma peculiar de interpretar o bem e o mal, com implicações morais e éticas. Ora, evidentemente, o modo cristão de ser colide frontalmente com os objetivos educacionais da UNESCO. Logo, tal instituição está longe de ser neutra ou inocente em seus propósitos; pelo contrário, eles são explícitos.

Um dos principais objetivos da UNESCO são:

> [...] formar professores aptos a incentivar a cooperação internacional [...] o desenvolvimento de indivíduos maduros, capazes de compartilhar experiências coletivas [numa] sociedade mundial [...] Os alunos devem ser preparados para a cidadania numa sociedade mundial [...] nossos filhos devem ser educados para a vida comunitária na escola [...] na vizinhança [...] [rumo] à lealdade [...] para com a comunidade mundial (UNESCO, 1949-1953 apud LAMBERT, 2024, p. 101-102).

Dessa forma, conclui-se que a UNESCO atua não com o propósito de promover uma educação genuína, mas sim de avançar uma agenda — como a Agenda 2030 da ONU — na qual o Brasil tem se aprofundado para seguir a cartilha à risca. Portanto, o que hoje se verifica nas escolas é o que Taylor Gatto denominou "emburrecimento programado": uma colonização cultural realizada por meio da sala de aula.

3.2. BNCC e políticas educacionais brasileiras

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempla atualmente duas dimensões: a cognitiva e a atitudinal. Paulo Freire, influenciado por John Dewey — educador norte-americano e defensor do pragmatismo educacional — aplicou no Brasil ideias que têm raízes no contexto da União Soviética, sobretudo durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995–2003). Foi por meio de políticas educacionais na virada do milênio que se consolidou a educação integral, posteriormente materializada na BNCC. Em 2017, o documento foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministro de Estado da Educação, tornando-se obrigatório em toda a rede de ensino a partir de 2020, por intermédio do MEC.

Foi, portanto, em 2017 que se reuniram, nesse documento, todas as conferências, reformas institucionais, manifestos, Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDBs) e Planos Nacionais de Educação (PNEs) — documento que nada mais é do que a matriz curricular das escolas, feita à imagem e semelhança do projeto educacional global. Trata-se, diga-se de passagem, de um instrumento de subversão da UNESCO para o Brasil, que sela o ocaso da cosmovisão bíblica e a substitui por uma educação integral construtivista e progressiva, fundamentada em Jean Piaget e John Dewey (LAMBERT, 2024).

Esse documento é extenso, repleto de detalhes minuciosos e de aplicação obrigatória, seja para escolas públicas ou privadas. A BNCC é apresentada como uma estratégia para ampliar a atuação do Estado no lar por meio da sala de aula, usurpando

uma prerrogativa que foi dada por Deus aos pais. Ademais, reforça seu compromisso com a Agenda 2030 da ONU.

> "Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza" (BRASIL, 2013), evidenciando, assim, seu alinhamento à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) (BNCC, 2025, p. 8).

O objetivo é gerar um cidadão global que abrace todas as pautas progressistas. Por isso, o documento insere, em seus termos, temas como minorias, gênero, ambientalismo, justiça social, identidade, diversidade, linguagem, igualdade, multiculturalismo, indigenismo, relativismo etc. — tudo o que é necessário, segundo essa perspectiva, para fabricar eleitores esquerdistas em massa (LAMBERT, 2024). Sai a influência da fé cristã; entra a influência pagã, tudo devidamente documentado e instrumentalizado pela legislação brasileira.

4. EDUCAÇÃO CRISTÃ

O que é educação? A pergunta, embora pareça simples, revela-se de difícil definição. Etimologicamente, a palavra "educação" deriva do latim educare e carrega os sentidos de criar, alimentar, cuidar e instruir. Felipe Fontes, em seu livro Educação em casa, na igreja e na escola: uma perspectiva cristã, define a educação cristã como a "atividade de qualquer agente (famílias, igreja, escolas), exercida de modo formal ou informal, destinada à formação integral do indivíduo, que se desenvolve a partir da cosmovisão cristã" (FONTES, 2025).

O pastor Rodrigo Mocellin, por sua vez, oferece uma definição instigante em Homeschooling ao alcance de todos. Para ele, a educação é "a busca pela verdade que te tornará um homem completo [...] Educação não tem como alvo o sucesso, os diplomas ou a riqueza, mas constitui-se de uma busca desesperada por conhecimento, simplesmente pelo desejo de ser livre" (MOCELLIN, 2022).

Educar é percorrer um caminho que conduz o homem, criado à imagem de Deus, a extrair o máximo de suas potencialidades, a fim de expressar o Criador na sociedade em que vive. Isso se realiza por meio do conhecimento de Deus, que proporciona uma perspectiva correta do ser humano e da realidade que o cerca.

A Escritura afirma que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Provérbios 9:10) e que em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Colossenses 2:3). Assim, quando se concebe a educação como busca pela verdade sem Deus, incorre-se no relativismo, pois sem Ele não há verdade. Se a verdade está ausente da educação, esta se torna um empreendimento vazio e um esforço infrutífero. Buscamos a verdade porque cremos que ela existe e pode ser descoberta: Deus. Isso nos impulsiona a desejar o verdadeiro, a fim de conhecer mais Aquele que é a própria Verdade absoluta.

A finalidade da educação é preparar o homem para glorificar a Deus, desfrutá-Lo e servi-Lo na vocação escolhida e por meio dela. Portanto, um currículo cristão deve ser desenvolvido a partir da centralidade das Sagradas Escrituras, refletindo a santidade e o caráter de Deus. Se o currículo estatal, para ser fiel a si mesmo, deve ensinar o estatismo, o currículo cristão, para ser coerente com sua própria natureza, deve ser cristão em todos os aspectos: história, geografia, ciências, gramática, matemática, música, filosofia, artes etc. Rushdoony assim se manifesta:

> É preciso mudar o currículo para se ter um empreendimento educacional sadio. Isso só pode ocorrer mediante uma fé imutável no Deus Triúno e em Sua Palavra como fundamento do currículo. Pois o aspecto de imutabilidade só reside em Deus e na eternidade, não no tempo e no homem [...] Sem a lei absoluta, todas as coisas são relativas e equivalentes, igualmente importantes e, ao mesmo tempo, sem sentido. (RUSHDOONY, 2019, p.33)

A soberania divina na educação exige de nós a reorganização de toda a grade curricular de acordo com a fé e os pressupostos bíblicos. Devemos afirmar os direitos régios do Rei Jesus em todas as áreas da vida e do pensamento: na igreja, no Estado, na escola, no lar, no trabalho — em toda a totalidade da existência.

Rushdoony afirma que a função básica da educação é ensinar às pessoas os valores fundamentais de uma cultura. Portanto, ela possui uma função religiosa e doutrinadora. O Estado se apropriou disso para formar um exército de humanistas que sirvam aos seus projetos de poder. Ora, se a Bíblia não é a base curricular, outra coisa o será. Os gregos, por exemplo, consideravam a poesia como inspirada pelas musas; poderíamos dizer que a atribuíam um grau de importância comparável ao das Escrituras. Essa ideia do "divino" norteava todas as áreas do conhecimento — dança, geometria, educação física etc. Era religioso! Por isso, a fé cristã entrou rapidamente em conflito

com essas culturas pagãs. "Era uma batalha entre a Cidade de Deus e a Cidade do Homem pelo controle do mundo e da história" (RUSHDOONY, 2019).

4.1. Fundamentos bíblicos

A Bíblia apresenta a educação como responsabilidade primária da família e da comunidade de fé. Para tanto, é necessário examinar os fundamentos bíblicos sobre a educação, a fim de compreender que o atual modelo — cujo pano de fundo é claramente unescoano — não apenas deixa de educar, mas constitui uma afronta ao próprio Deus.

No princípio, recebemos do Criador um mandato cultural, pelo qual o homem é responsável por refletir Deus no trabalho, na arte, na economia, no lazer e na educação. Isso só se torna possível mediante a obediência à Sua Palavra. A queda não destruiu nosso chamado original, apenas o tornou mais árduo. Podemos afirmar que a educação funciona como discipulado, e o credo seguido pelo povo de Deus encontra-se em Deuteronômio 6:3-9:

> *"Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o Senhor, Deus de teus pais. Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas"* (ARA).

Em seguida, Moisés repete os dez mandamentos, demonstrando qual era a pedagogia educacional aprovada por Deus como epicentro da vida de Seu povo. Temos aqui a base curricular utilizada na instrução da nação israelita. Quando saíram do deserto e entraram em Canaã, não dispunham de um sistema educacional organizado — isso só ocorreria mais tarde, com o progresso da civilização e a influência das nações circunvizinhas. Ralph Gower observa que "[a] educação era basicamente religiosa, capacitando as crianças a compreenderem a natureza de Deus pelo que Ele fizera e o que Ele exigia na Lei" (GOWER, 2012).

Assim, no início, a educação estava centrada no lar. Era incumbência dos pais educar os filhos, transmitindo-lhes a Lei, os deveres domésticos e um ofício. Somente em 175 a.C. os helenistas concordaram em construir um ginásio (escola) em Jerusalém,

e muitos judeus ricos passaram a enviar seus filhos para receber uma formação de matriz grega, mais coletiva, semelhante às salas de aula modernas.

Até então, não havia outro instrumento de instrução senão a Lei de Deus. O currículo, o método, o objetivo e a razão de ser encontravam-se na Palavra e eram transmitidos fielmente pelos pais. Quando estes falharam nessa missão — como se vê no livro dos Juízes (Jz 2:10) —, o caos se instaurou e atraiu o juízo de Deus sobre a nação. Fica claro, portanto, que transmitir habilidades e conhecimentos à geração seguinte era — e ainda é — responsabilidade dos pais. Ainda que nossos filhos estejam matriculados em uma escola de cosmovisão cristã, não podemos baixar a guarda; faz-se necessário o acompanhamento contínuo e a verificação de que a Bíblia tem sido a matriz curricular do ensino.

Ainda a esse respeito, o texto de 2 Timóteo 3:16-17 declara: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (ARA). O termo traduzido por "inspirada" é theopneustos (θεόπνευστος), que ocorre uma única vez no Novo Testamento e significa "soprada por Deus". Seu equivalente ajuda-nos a compreendê-lo em Gênesis 2:7, quando Deus sopra no homem — que era apenas um boneco de barro — e ele passa a viver. Outro momento em que notamos esse movimento encontra-se em Ezequiel 37:8-10, onde o Senhor sopra, e o exército formado no vale de ossos secos revive. Conclui-se, pois, que a Palavra possui o sopro de vida de Deus; por isso, é capaz de nos instruir em todas as esferas da existência. A Bíblia é suficiente para todos os homens e para o homem todo.

Em Efésios 6:4, está escrito: "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (ARA). Paulo ordena que os pais criem seus filhos na disciplina do Senhor. Essa palavra é traduzida nas melhores versões por paideia (παιδεία), que designava, entre os gregos, o processo de formação integral do indivíduo — abrangendo não apenas a construção intelectual, mas também as dimensões física, moral e social, a fim de formar um cidadão completo e capaz de contribuir positivamente para a sociedade. Ao se apropriar desse termo, o apóstolo deixa claro aos pais de Éfeso — e a todos nós, cristãos — que nossos filhos devem ser

criados na disciplina do Senhor, não com o objetivo precípuo de servir à sociedade, mas com um alvo ainda mais elevado e transcendental: viver para a glória de Deus.

É provável, portanto, que Paulo esteja fazendo um contraste entre a educação e a formação cristã, que deveriam ser proporcionadas pelos progenitores cristãos, e a educação pagã, oferecida pelos gregos, que deveria ser rejeitada. Afinal, Paulo, como judeu, tinha bem clara em sua mente a ordenança de Deuteronômio 6 e Provérbios 22:6 de transmitir as Sagradas Letras aos filhos, e isso se reflete em diversos de seus escritos.

A ordem de Deus para nós continua em vigor. Não podemos cerrar os olhos diante da clonagem de mentes que o Estado tem promovido em nome de sua agenda globalista. Do contrário, não apenas uma, mas várias gerações serão sacrificadas no altar da UNESCO, para a satisfação e perpetuação de uma educação que afasta nossos filhos de Deus.

4.2. Uma visão integral do ser humano à luz da Escritura

Diferentemente da visão fragmentada do globalismo, a educação cristã concebe o ser humano como imagem de Deus, carente de redenção em Cristo. A formação deve abranger não apenas o intelecto, mas também a dimensão espiritual, conduzindo o educando à piedade.

Por essa razão, compreender a constituição do homem é fundamental para o entendimento do que é educação e de sua finalidade última, pois, como afirmou R. C. Sproul, "se puderem minar o conceito de criação, a cosmovisão cristã entra em colapso" (SPROUL, 2017). Em outras palavras, bons princípios e ensino conservador, por si sós, não bastam para uma formação integral. Faz-se necessária uma correta compreensão da criação, da queda, da redenção e da glorificação.

A Escritura declara que, após criar a luz, o firmamento, os mares, a terra, a vegetação, os luminares e todos os animais, Deus fez, no sexto dia, a coroa de Sua criação: o homem. Em Gênesis 1:26–28, Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança e lhe concedeu domínio sobre a criação. Somente ao homem foram outorgadas racionalidade, volição e afetividade. Em suma, recebemos a missão de refletir e representar Deus na terra.

A queda, narrada em Gênesis 3, ensina que não apenas nosso relacionamento com Deus, com a criação e com o próximo foi danificado, mas também a própria imago

Dei em nós. Isso significa que a queda produziu aquilo que a teologia denomina efeito noético: nossa mente e vontades foram afetadas a tal ponto que nos tornamos alienados e suscetíveis a outras vozes que não a de Deus.

Somente com o advento do Senhor Jesus Cristo tal situação pôde ser revertida — não apenas pela reconciliação com o Criador, por meio de Sua morte vicária, mas também pela redenção do coração e da mente, capacitando-nos a caminhar na direção vertical, de modo a conhecer verdadeiramente a verdade e, por ela, ser libertos e transformados. Isso resulta em um anelo profundo de glorificar a Deus em todas as esferas da existência. Ou seja, quando redimidos, toda a nossa perspectiva é realinhada, reconstruída e recentralizada em Deus como verdade absoluta sobre todo o cosmo. De outra forma, "seremos cegos guiando cegos" e continuaremos a tatear nas trevas de nossa própria perdição. Por isso, sem Deus não há educação.

Nesse sentido, não podemos alicerçar a educação em qualquer outro método que não seja a Palavra de Deus. Edson Pereira Lopes, ao discorrer sobre o conceito educacional de João Amós Comênio, cita um trecho da Didática Magna: "As Santas Escrituras nos ensinam primordialmente que não há caminho mais eficaz para corrigir a corrupção humana que a correta educação da juventude" (LOPES, 2008).

Para Comênio, autores não cristãos pouco tinham a contribuir para um conhecimento adequado das coisas. Por isso, a Bíblia é livro fundamental e deve exercer primazia na matriz curricular, pois é suficiente para prover todo o conhecimento de que o homem necessita. A educação, portanto, é um dos meios de graça e misericórdia de Deus, servindo como remédio divino para a cura do gênero humano. Para ele, a educação que não produz ensino, moral e vida piedosa pode ser qualquer coisa, menos educação (LOPES, 2008).

No Reino de Deus, a imago Dei será plenamente restaurada, e nossa educação estará completa. Nosso corpo e mente não mais estarão alienados e, como afirma Paulo: "Agora conhecemos em parte, mas um dia conheceremos como também somos conhecidos" (1 Co 13:12, ARA).

4.3. A tradição histórica da educação cristã

A Sagrada Escritura foi o principal instrumento formador na era veterotestamentária e também o fundamento sobre o qual a Igreja Primitiva estava

alicerçada. Everett Ferguson observa que "[a] educação cristã primitiva era essencialmente catequética. Ela buscava formar discípulos, não apenas informar." As cartas apostólicas (epístolas) eram lidas publicamente nas igrejas como parte da instrução regular, e os pais da Igreja desenvolveram catecismos orais e escritos — como a Didaquê — que mais tarde serviriam de base para as escolas cristãs.

Na Idade Média, os mosteiros surgiram não apenas como centros de recolhimento espiritual, mas principalmente como núcleos do saber, tendo a Bíblia como eixo curricular para todas as esferas da vida. Com a Reforma Protestante, o princípio da Sola Scriptura e do livre exame das Escrituras consolidou esse conceito de forma mais ampla, trazendo o entendimento de que não apenas os mosteiros, mas cada lar, deveria ser instruído na Palavra de Deus.

Portanto, era necessário que pessoas comuns soubessem ler; por isso, Martinho Lutero fomentou a educação do homem comum e incentivou os pais a cumprir seu dever de proporcionar educação aos filhos. Calvino foi ainda mais incisivo e, em sua obra Institutas da Religião Cristã, caracterizou a Igreja como "mãe e mestra" dos fiéis (CALVINO, 2022). Foi ele quem fundou a Academia de Genebra, em 1559, embrião da atual universidade que leva esse nome. Ambos os reformadores produziram catecismos que se tornaram recursos valiosos para a educação cristã ao longo dos séculos.

Foi nesse contexto que surgiram as escolas paroquiais e as Escolas Bíblicas Dominicais, cujos objetivos eram alfabetizar e ensinar as Sagradas Letras. John Knox exerceu grande influência na criação de um amplo programa educacional, segundo o qual, ao lado de cada igreja, deveria haver uma escola com o propósito de ensinar latim, gramática e catecismo, estabelecendo-se instituições desde o ensino primário até a universidade em todo o país.

Já na era pós-Reforma e Moderna, destaca-se a figura de João Amós Comênio, que promoveu o ensino universal utilizando a Bíblia como livro-texto para todas as disciplinas. Sua obra mais famosa é a Didática Magna, e ele é considerado o pai da educação moderna.

O puritanismo inglês e o pietismo alemão foram movimentos que contribuíram significativamente para a educação cristã e para a criação de universidades. Alderi Souza Matos destaca que "os puritanos tinham uma visão integrada da vida e da sociedade e, nessa visão, a educação desempenhava um papel preponderante". E acrescenta: "A fim

de preparar homens para o ministério, o governo civil e a vida profissional, os puritanos criaram muitos colégios, a começar por Harvard (1636) e Yale (1701), hoje famosas universidades" (MATOS, 2008).

A tradição demonstra que, onde a educação pautada na Escritura e centralizada em Deus foi posta em prática, houve avanço. O retrocesso educacional que temos testemunhado nas últimas décadas não é casual. Como Taylor Gatto afirma, não é que a educação tenha falhado; ao contrário, seu propósito foi alcançado ao alienar gerações de alunos, tornando-os recipientes perfeitos para a educação globalista.

No que tange ao Brasil, podemos afirmar que os resultados observados no PISA, a degradação moral e um estilo de vida que exclui Deus são reflexos do Patrono da Educação, Paulo Freire, e, em última instância, da UNESCO. Pois, quando Deus é removido do processo educacional, tudo retorna ao caos primordial — sem forma e vazio.

5. O CONFRONTO DE COSMOVISÕES

A educação nunca é neutra. Toda proposta pedagógica parte de pressupostos ontológicos (o que é o homem), epistemológicos (como se conhece) e axiológicos (quais valores devem ser ensinados). Como afirma Gene Edward Veith, a cosmovisão é "o conjunto de pressupostos fundamentais pelos quais interpretamos a realidade" (VEITH, 2006). Portanto, o embate entre educação globalista e educação cristã é, antes de tudo, um confronto de fundamentos.

5.1. O conceito de cosmovisão

James W. Sire define cosmovisão como "[um] compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou em um conjunto de pressupostos que sustentamos sobre a constituição básica da realidade" (SIRE, 2018).

Nancy Pearcey, por sua vez, afirma que "a cosmovisão é como um mapa mental que nos diz como navegar de modo eficaz neste mundo. É a impressão da verdade objetiva de Deus em nossa vida interior" (PEARCEY, 2023). Por isso, necessitamos de um credo pelo qual viver. Pearcey inicia seu livro Verdade Absoluta citando Francis Schaeffer, que declarou:

> O cristianismo não é uma série de verdades no plural, mas é a Verdade com V maiúsculo. É a Verdade sobre a realidade total, não apenas sobre assuntos religiosos. O cristianismo bíblico é a Verdade concernente à realidade total; é a propriedade intelectual dessa Verdade total, e então vive segundo essa Verdade. (SCHAEFFER,1881 apud PEARCY, 2023, p.5)

Sim, a fé cristã não é um objeto ou um item pessoal, nem uma coleção de verdades, mas a Verdade sobre toda a realidade. Como afirmou Abraham Kuyper: "Não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência sobre o qual Cristo, que é soberano de todos, não possa clamar: é meu." Portanto, a doutrina cristã não deve ficar restrita ao âmbito do culto, nem ser propriedade particular confinada à esfera religiosa.

Se não incutirmos uma educação que incorpore essa perspectiva, perpetuaremos a dicotomia entre fé e trabalho, fé e cultura, fé e política. Ou seja, o que buscamos é uma mente cristã — não apenas no que diz respeito à ética, à moral e à espiritualidade, mas também quando pensamos sobre educação, cultura, ciências, biologia, matemática, economia, política, legislação, beleza, artes etc. Não há possibilidade de uma realidade paralela entre a fé e o secular. Nancy Pearcey sustenta que "pensar cristãmente" significa compreender que o cristianismo possui a verdade sobre a totalidade da realidade — uma perspectiva para interpretar todos os assuntos da vida (PEARCEY, 2023).

Nesse sentido, toda educação transmite uma cosmovisão. Logo, a educação cristã parte do pressuposto da soberania absoluta de Deus sobre todo o saber, ao passo que a educação da UNESCO parte de pressupostos antropocêntricos.

5.2. Pressupostos do paradigma globalista

O modelo educacional contemporâneo, influenciado por organismos internacionais e por correntes pedagógicas progressistas, fundamenta-se nos seguintes pressupostos (LAMBERT, 2024):

- **Antropologia** – o homem é a medida de todas as coisas;
- **Relativismo moral** – os valores são construções sociais;
- **Construtivismo** – a verdade é produzida pelo sujeito;
- **Freudianismo e behaviorismo** – a cultura e a moral são reinterpretadas como mecanismos psicologizados e comportamentais;
- **Multiculturalismo** – enfraquecimento da identidade histórica;

- **Ambientalismo** – ênfase no meio ambiente (“mãe natureza”);
- **Finalidade social** – a educação visa formar cidadãos globais adaptados ao sistema.

John Dewey, um dos principais expoentes do pragmatismo educacional, defendia que a educação deveria ser instrumento de reconstrução social (DEWEY, 1979). Paulo Freire, por sua vez, compreendia a educação como prática de transformação política (FREIRE, 1987). Embora partam de contextos distintos, ambos colocam a centralidade no homem e na construção social da realidade.

A UNESCO tem como meta a formação de uma cidadania global, evidenciando uma orientação ética universalizante e não confessional.

5.3. Pressupostos da cosmovisão cristã

Em contraste, a cosmovisão cristã afirma:

i. Deus é o Criador e Legislador moral (Gn 1; Sl 19);
ii. Verdade objetiva (absoluta) e revelada (Jo 17:17);
iii. Homem como criatura caída e redimida (Rm 3; Ef 2);
iv. Finalidade última da educação: glorificar a Deus (1 Co 10:31).

Portanto, a educação cristã está fundamentada em verdades absolutas reveladas nas Escrituras, que determinam a forma que enxergamos a realidade e como agimos no mundo criado por Deus.

5.4. A disputa pela formação das novas gerações

O confronto entre essas cosmovisões manifesta-se na disputa pela formação da mente e do coração das novas gerações. Como afirma Rousas Rushdoony: "Toda educação é essencialmente religiosa" (RUSHDOONY, 2019).

Se a educação não está fundamentada na revelação divina, estará alicerçada em outro princípio último. Assim, o conflito não é meramente pedagógico, mas espiritual. Trata-se de decidir qual visão de mundo moldará a próxima geração: a autonomia humana ou o senhorio de Cristo.

6. CAMINHOS DE RECONQUISTA

O globalismo utiliza a educação como ferramenta de transformação cultural e de controle. Diante do confronto de cosmovisões exposto anteriormente, torna-se necessário não apenas diagnosticar o problema, mas apresentar caminhos concretos de reconstrução. A resposta cristã não deve ser meramente reativa, mas propositiva, intencional e estruturada. A reconquista da educação passa pela restauração de três esferas fundamentais estabelecidas por Deus: o lar, a igreja e as instituições comprometidas com a cosmovisão bíblica (FONTES, 2025).

6.1. Educação domiciliar

A Escritura estabelece que os pais são os primeiros e principais responsáveis pela formação de seus filhos (Dt 6:6–9; Ef 6:4). Esse princípio precede qualquer estrutura estatal ou institucional. A educação, no modelo bíblico, nasce no lar.

Felipe Fontes argumenta que a educação cristã deve ser compreendida como um projeto integrado que envolve escola, lar e igreja, mas cuja responsabilidade primária recai sobre os pais (FONTES, 2025). Quando o Estado assume esse papel como instância última, ocorre uma inversão da ordem criacional.

Douglas Wilson reforça que toda educação transmite valores religiosos, ainda que sob roupagem secular. Para ele, a neutralidade educacional é um mito; o que existe é a substituição de uma fé por outra (WILSON, 2001). Assim, delegar integralmente a formação dos filhos ao sistema estatal significa entregá-los à cosmovisão dominante.

A reconquista começa, portanto, com o retorno dos pais ao seu papel pedagógico ativo: acompanhamento do conteúdo escolar, instrução bíblica constante, leitura, catequese e formação moral deliberada.

6.2. Escolas confessionais

A tradição reformada sempre compreendeu a importância de instituições educacionais que expressassem coerência entre fé e currículo. Não se trata apenas de acrescentar aulas de "religião", mas de estruturar todo o conhecimento a partir da soberania de Deus.

Felipe Fontes defende que uma escola cristã genuína precisa operar com pressupostos explicitamente bíblicos em todas as disciplinas, reconhecendo que não há

neutralidade epistemológica (FONTES, 2025). O currículo deve refletir a cosmovisão cristã de forma orgânica.

Mauro Meister, em artigo publicado na Fides Reformata, destaca que a educação cristã deve ser integral, articulando fé, conhecimento e prática, e não reduzida a um compartimento isolado dentro da estrutura escolar (MEISTER, 2008). Para ele, a escola confessional deve formar discípulos, e não apenas bons profissionais.

Douglas Wilson acrescenta que recuperar a educação cristã exige retomar o modelo clássico, no qual verdade, bondade e beleza são orientadas pela revelação divina (WILSON, 2001). Assim, fortalecer escolas confessionais é um passo estratégico na reconstrução cultural.

6.3. Discipulado na igreja

A igreja não pode abdicar de sua função formadora. Felipe Fontes ressalta que ela deve atuar como comunidade pedagógica, oferecendo catecismo, ensino sistemático e integração entre doutrina e prática (FONTES, 2025). A educação cristã não se limita à infância; ela é um processo contínuo de discipulado.

A negligência dessa dimensão produz cristãos culturalmente vulneráveis, incapazes de discernir os pressupostos ideológicos presentes na política contemporânea. Portanto, a reconquista passa por uma igreja intencionalmente formadora.

Se a cosmovisão molda a interpretação da realidade, é indispensável capacitar jovens a identificar pressupostos ideológicos. Em O que estão ensinando aos nossos filhos?, Felipe Fontes argumenta que determinados conteúdos educacionais incorporam pressupostos antropológicos e morais contrários à fé cristã (FONTES, 2018). Ele demonstra que o problema não está apenas em conteúdos isolados, mas na estrutura interpretativa subjacente.

Douglas Wilson afirma que educar cristãmente é ensinar o aluno a reconhecer ídolos culturais e confrontá-los com a verdade revelada (WILSON, 2001). A formação crítica cristã não significa rejeição irracional da cultura, mas análise criteriosa à luz das Escrituras.

6.4. Engajamento na esfera pública

A reconquista também envolve atuação pública responsável. A educação não é apenas questão privada; trata-se de políticas públicas e direitos fundamentais garantidos por lei e até reconhecidos pela ONU.

A tradição reformada, desde Kuyper, reconhece a importância de defender a liberdade educacional para garantir que famílias possam escolher modelos coerentes com sua fé.

Foi o engajamento em políticas públicas de Martin Luther King que pôs fim à segregação racial nos EUA, assim como a atuação de William Wilberforce aboliu a escravatura na Inglaterra e, por efeito dominó, no mundo. Devemos nos envolver na política hoje para que possamos continuar professando nossa fé amanhã.

Felipe Fontes destaca que o cristão não deve se retirar da esfera pública, mas participar de maneira responsável, buscando preservar espaços de autonomia familiar e institucional (FONTES, 2025).

Esse engajamento inclui:

i. defesa jurídica da liberdade de ensino;
ii. apoio a iniciativas educacionais cristãs;
iii. participação em debates públicos sobre currículo e políticas educacionais.

A educação cristã, portanto, reafirma o senhorio de Cristo sobre todo o saber e propõe uma formação integral baseada na Palavra.

Cabe, pois, às famílias e às igrejas assumir a responsabilidade de educar biblicamente, resistindo às pressões globalistas e preparando uma geração capaz de viver coram Deo, para a glória de Deus e para o bem da sociedade.

7. CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que o debate educacional contemporâneo não se limita a metodologias pedagógicas ou reformas curriculares, mas constitui um embate profundo entre cosmovisões concorrentes. De um lado, encontra-se o paradigma globalista, que propõe uma formação orientada por pressupostos antropocêntricos,

relativistas e universalizantes; de outro, a cosmovisão cristã, que reconhece Deus como fundamento último da verdade, da moral e do conhecimento.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a educação promovida por organismos internacionais e incorporada às políticas públicas brasileiras não se apresenta como neutra, mas carrega pressupostos ideológicos. A influência de tais pressupostos na estrutura curricular revela que a disputa educacional é, em essência, uma disputa pelo coração e pela mente das novas gerações.

Em contraste, a tradição cristã histórica demonstra que a educação sempre esteve vinculada à formação integral do ser humano diante de Deus. Desde o modelo veterotestamentário centrado no lar, passando pela prática catequética da Igreja Primitiva, pelas escolas da Reforma e pela tradição protestante, observa-se que a instrução bíblica foi compreendida como elemento estruturante da cultura e da civilização.

Dessa forma, conclui-se que a reconstrução educacional não pode ocorrer apenas por meio de críticas ao sistema vigente, mas exige ação concreta nas esferas estabelecidas por Deus: família, igreja e instituições comprometidas com a fé cristã. A educação domiciliar responsável, o fortalecimento de escolas confessionais, o discipulado intencional e o engajamento público consciente constituem estratégias legítimas de preservação e transmissão da cosmovisão cristã.

Por fim, reafirma-se que a educação é, inevitavelmente, religiosa em sua essência, pois sempre parte de um fundamento último de autoridade. Assim, a escolha não é entre educação cristã e educação neutra, mas entre qual "fé" moldará as futuras gerações.

À luz das Escrituras, a educação cristã apresenta-se não apenas como alternativa, mas como fundamento indispensável para a formação de indivíduos capazes de viver coram Deo, para a glória de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Almeida Revista e Atualizada**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: https://www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 5 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC – Educação Infantil e Ensino Fundamental** (versão final). Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 5 jan. 2026.

CALVINO, João. **As institutas**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

FONTES, Felipe. **Educação na escola, no lar e na igreja**. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2025.

FONTES, Felipe. **O que estão ensinando aos nossos filhos?** São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOWER, Ralph. **Novo manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2012.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

LAMBRET, Jean-Marie. **A UNESCO por trás do espelho**. Goiânia, GO: Ed. do Autor, 2024.

LOPES, Edson Pereira. O conceito de educação de João Comenius Amós. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 49–63, 2008.

MATOS, Alderi Souza de. Breve história da educação cristã. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 9–24, 2008.

MEISTER, Mauro Fernando. Educação cristã e cosmovisão reformada. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2008.

MOCELLIN, Rodrigo. **Homeschooling ao alcance de todos**. 1. ed. São Paulo, SP: Senso Comum, 2022.

NUNES, Ruy. **História da educação cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural**. 14. ed. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2023.

RUSHDOONY, Rousas J. A. **Filosofia do currículo cristão**. Brasília, DF: Monergismo, 2019.

SIRE, James W. **O universo ao lado**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática**. 1. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

UNESCO. **Educação 2030: Incheon Declaration and Framework for Action**. Paris: UNESCO, 2015.

WILSON, Douglas. **Recuperando a educação perdida**. São Paulo: Monergismo, 2001.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. Acesso em: 5 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: https://www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 5 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC – Educação Infantil e Ensino Fundamental (versão final)**. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 5 jan. 2026.